

ENTREVISTA AL-AHRAM

Os pensadores mais influentes do catolicismo A visita do Papa ao Egito construiu pontes e derrubou muros

Entrevista a Julián Carrón
por Sayed Mahmoud

A religião não é o problema, mas faz parte da solução. O objetivo do nosso movimento espiritual, a nossa missão, é difundir a beleza para testemunhar plenamente a fé. A Igreja percorreu um longo caminho para tomar consciência da importância da liberdade. A visita do Papa ao Egito constrói pontes e derruba muros. Precisamos de um espaço de diálogo aberto que ultrapasse os preconceitos.

Quando o Papa Francisco ascendeu ao trono pontifício em março de 2013, a imprensa descreveu-o como “um homem capaz de trazer uma mudança”. Nos primeiros anos do seu pontificado, criou uma espécie de “diplomacia espiritual” que trabalha para gerir as crises de uma maneira diferente.

Parece-me interessante observar que trabalha com um grupo de brilhantes pensadores para fundar as bases de um novo discurso que se contraponha às sementes de ódio espalhadas pelo mundo, baseando-se na partilha de valores humanos comuns e no sustento da experiência religiosa através de movimentos espalhados no tecido social, que têm capacidade de o influenciar; entre estes, um dos mais importantes é o movimento de CL. O seu líder espiritual Julián Carrón assumiu a sua condução em 2005. No seu novo livro *A Beleza Desarmada*, que foi apresentado no mês passado na sede da ONU, Carrón propôs um conjunto de reflexões estimulantes sobre a realidade dos movimentos religiosos de hoje e sobre formas de promover ocasiões de contacto entre o cristianismo e o islão.

É interessante, além disso, o facto de que Carrón esteja consciente da responsabilidade da Europa em vários atos de terrorismo e veja o terrorismo como uma nova forma do niilismo europeu. E que defenda o direito à emigração e o direito de asilo, vendo a presença dos migrantes como fundamental para uma renovação do espírito humano na sociedade ocidental.

Transcreve-se aqui a minha conversa com ele, depois do breve encontro mantido em Rimini no passado mês de agosto, onde lhe pedi para responder por escrito às minhas perguntas.

Como é que podemos descrever o movimento de Comunhão e Libertação aos leitores de Al-Ahram no mundo árabe?

CL é uma experiência de vida e para a vida. Trata-se de uma amizade que tem como objetivo educar-se para a fé católica, dentro da vida da Igreja. É um caminho que não acaba nunca, porque o desejo daquilo que é verdadeiro, bonito e bom, a busca da felicidade, são de qualquer homem, de qualquer idade e tradição.

A participação em CL é livre. As comunidades de CL vivem nos ambientes de estudo e de trabalho, nos bairros e nos lugares da vida. Não nascem segundo um projeto, mas pelo encontro entre pessoas que querem partilhar a fé ali onde estão, rezando juntas e enfrentando a vida de todos os dias a partir da fé.

A proposta de Dom Luigi Giussani, que fundou o movimento em 1954 numa escola de Milão, era e é muito simples: na companhia de Cristo, a vida (trabalho, afetos, estudo,

etc.) pode tornar-se cem vezes mais bonita e atrativa. Quando começou, Dom Giussani estava consciente de que, se uma pessoa não entende a conveniência humana de ser cristã, a sua utilidade para a vida, a sua fé não pode sobreviver num mundo secularizado que vai completamente no sentido contrário.

Por isso, a experiência de Comunhão e Libertação tem como objetivo educar as pessoas para enfrentar a realidade com todos os seus problemas e os seus desafios, ou seja, pessoas adultas que vivam a sua fé não só na igreja, mas também quando estão em família ou vão trabalhar.

Que tipo de relação existe entre o movimento e o Vaticano?

Somos um movimento reconhecido oficialmente pela Igreja em 1982. Sob a condução do Papa Francisco, os membros do movimento participam na vida da Igreja católica e colaboram no testemunho cristão em todos os ambientes.

Habitualmente, das ideias nascem movimentos sociais e espirituais, aqui [no Meeting], pelo contrário, observei que é do vosso movimento que nascem as ideias. Qual é o segredo desta característica especial?

Nenhum segredo. O cristianismo, antes de uma ideia, é uma vida, algo que acontece e que traz uma mensagem. É o desenvolvimento desta vida que gera reflexões e pensamentos, como prova o Meeting em que participou. O nosso movimento não nasceu de uma ideia, de um projeto feito à mesa, mas do encontro de Dom Giussani com alguns jovens para os quais o cristianismo já não era interessante e aos quais decide mostrar a beleza de serem cristãos. Aconteceu assim desde o início: o cristianismo não nasceu de uma ideia, mas de um homem, Jesus de Nazaré, que pôs em movimento as pessoas que encontrava ao longo da estrada.

Em todas as suas intervenções, insiste na liberdade como único caminho para Deus. Como é que é possível conciliar esta ideia com o convite que a religião faz para aderir a regras severas?

Precisamente porque o cristianismo é uma vida, que fascina pela sua beleza, quem o encontra deseja participar nele. Nada desafia mais a liberdade de uma pessoa do que encontrar algo de belo. Quando alguma coisa nos atrai, não são necessárias imposições. Somos nós que não queremos perder a coisa que nos atrai. Por isso a única regra é seguir o fascínio que nos atrai.

Os discípulos de Jesus estavam tão espantados por verem esta vida cheia de atração n'Ele, que exclamavam: «Nunca vimos coisa igual!». E quanto mais estavam com Ele, mais lhes vinha a vontade daquela vida. E Jesus, vendo esta vontade de vida, dava-lhes a única regra para poderem participar: seguir. «Quem me segue terá o centuplo nesta vida e depois a vida eterna». Quem se torna disponível para este seguimento pode verificar, então como hoje, a verdade destas palavras. Por isso, Charles Péguy está totalmente certo quando escreve: «a essa liberdade sacrifiquei tudo, diz Deus, a esse gosto que tenho de ser amado por homens livres, livremente».

Pensemos no chamamento de Abraão, o nosso pai comum na fé. Deus tinha levado em conta que ele poderia ter respondido não. Mas Abraão, livremente, acolheu o convite do Senhor para deixar a sua terra... Aquele método não mudou.

Relembro-me da conversa com um motorista de táxi que estava a ler um livro de teologia; a um certo ponto, disse-me que estava escandalizado que acontecessem certas coisas porque Deus tinha dado a liberdade ao homem. Então perguntei-lhe: «Prefere ter uma mulher que o ama livremente, ou que lhe queira bem de forma mecânica, para não correr riscos?». «Prefiro uma mulher que me ame livremente». E eu acrescentei: «E

pensa que Deus tem um gosto pior do que o senhor?» Aquele taxista estava consciente de que um momento de livre amor da sua mulher valia todo o universo.

O longo caminho percorrido pela Igreja para clarificar o conceito de «liberdade religiosa», até ao Concílio Vaticano II, levou-a a declarar que «a pessoa humana tem o direito à liberdade religiosa». Não foi uma escolha de compromisso, a partir do momento em que a Igreja não fora capaz de converter todos os homens. Fê-lo, pelo contrário, porque se tornou mais consciente da natureza da verdade e da única estrada através da qual se pode alcançá-la: «A verdade não se impõe senão pela força da própria verdade». Por isso os cristãos renunciaram à violência que, porém, tinha marcado momentos da história passada.

Como foi possível o Meeting de Rimini desenvolver-se ao ponto de se tornar um evento cultural e intelectual de tal dimensão?

Para perceber como, é preciso olhar para o início: tudo nasceu de um grupo de amigos de Rimini apaixonados pela vida, que se tinham dado conta de que durante o verão faltava na cidade uma presença de cristãos que fosse ao encontro dos milhares de turistas de todo o mundo que enchiam as praias. Por isso tomaram a iniciativa e inventaram o “Meeting pela amizade entre os povos”, um lugar que nasceu para fazer com que as pessoas se encontrassem. Dali nasceu tudo. A certeza da própria fé tornou-nos abertos e curiosos em relação a toda a gente, para identificar aquilo que de bonito, verdadeiro, bom e justo existe em qualquer pessoa. Isto fez do Meeting um espaço aberto, onde pessoas das mais variadas tradições religiosas e culturais se encontram, partilhando a vida umas das outras.

O outro factor que torna possível o Meeting é o trabalho de três mil voluntários, que todos os anos trabalham de forma gratuita, aliás pagam para poderem estar em Rimini uma semana. É esta gratuidade que espanta toda a gente, oradores e visitantes, numa época em que tudo é medido em termos do “do ut es”. No Meeting é possível encontrar um empresário a fazer de motorista ou um grande médico a fazer as limpezas, por puro espírito de serviço; e isto surpreende ao ponto de muitos perguntarem: «Mas quem são vocês? Nunca vimos nada igual!».

Chegou o momento de pensar num novo espaço de encontro e intercâmbio, longe da frieza do chamado diálogo inter-religioso?

Sim. Durante um encontro, uma importante intelectual espanhola, não crente, convidou os cristãos a «saírem do armário» para darem o seu contributo à vida de todos. Dizia: «Ainda que talvez não tenhamos todos a fé deles, todos precisamos da sua luz».

Olhemos para o que fez o Papa Francisco ao ir ao Egito: a sua própria presença foi um espaço de diálogo, segundo a cultura do encontro que constrói pontes em vez de erguer muros.

Hoje parece que a religião é a causa, no mundo, de muitas crises que produzem guerras e conflitos. Como é que vê o papel da religião e como é que esta se poderia transformar em solução, em vez de ser um problema?

A religião ou o uso instrumental e político dela?

As palavras e os gestos do Papa durante a sua viagem ao Egito foram o testemunho desarmado de um homem que não usa a religião para impor alguma coisa aos outros. E tocou-me que, falando aos cristãos do Egito, tenha dito claramente que «o único extremismo admitido pelos crentes é o da caridade; qualquer outro extremismo não vem de Deus e não Lhe agrada!».

É este tipo de testemunho que pode favorecer a convivência entre pessoas de diferentes credos religiosos.

Por outro lado, não foi por acaso que o Papa Francisco escolheu o Egito para testemunhar a cultura do diálogo e do encontro, porque a vossa história está marcada por muitos exemplos de convivência pacífica entre cristãos e muçulmanos.

Como conceber o papel da religião no espaço público? Existe a necessidade de corrigir a relação com Deus?

O único papel é o de educar as pessoas a serem um testemunho.

Sim, talvez seja necessário mudar a forma de viver a experiência religiosa...

Os nossos países, hoje, estão em luta contra o terrorismo. Que mensagem pode dar o movimento para favorecer ocasiões de diálogo entre o Ocidente e o mundo islâmico e enfrentarem juntos o terrorismo?

O nosso futuro depende disso: de sabermos criar lugares de encontro real entre as pessoas que pertencem a diferentes tradições. Durante séculos, isso aconteceu em alguns países do Médio Oriente, onde homens e mulheres de culturas e religiões diferentes conviveram pacificamente.

São necessários lugares de liberdade onde cada um possa comunicar a sua visão do mundo e o seu modo de viver, ultrapassando preconceitos e enriquecendo-se mutuamente com a experiência do outro.

Estou profundamente convencido de que a situação histórica em que nos encontramos, embora dramática e difícil, é uma oportunidade excepcional para todos.

Quando poderemos ultrapassar a incompreensão recíproca entre o islão e o Ocidente?

Quando a cultura do encontro se tornar no método de relacionamento entre os que buscam a verdade. Já se deram passos importantes, é preciso continuar, com paciência e sem se deixar desencorajar pelas dificuldades, ao longo da estrada indicada pelo Papa Francisco durante a sua visita ao Egito, em que, falando a uma delegação de líderes muçulmanos da Grã-Bretanha, disse: «Gosto de pensar que o trabalho mais importante que devemos fazer hoje entre nós, na humanidade, é a obra “do ouvido”: ouvirmo-nos. Escutarmo-nos, sem pressa de dar uma resposta. Receber a palavra do irmão, da irmã, e depois pensar em dar a minha. Todos nós devemos falar, escutar e procurar juntos o caminho. E quando nos escutamos e nos falamos, já estamos a caminho».

E durante o encontro promovido pelo Pontifício Instituto de Estudos Árabes e Islâmicos, o Papa Francisco declarou ainda: «No início do diálogo está o *encontro*. Dele gera-se o primeiro conhecimento do outro. Com efeito, se se parte do pressuposto da pertença comum à *natureza humana*, podem-se superar os preconceitos e as falsidades e começar a compreender o outro segundo uma perspetiva nova».

Dou-lhe alguns exemplos: um refugiado paquistanês, que chegou em condições extremas a um centro de acolhimento italiano, encontra um voluntário que o chama pelo nome, perguntando-lhe se quer massa branca ou com molho, carne ou peixe. O refugiado rebenta em lágrimas. «Porquê?», perguntam-lhe. Porque ninguém o tinha chamado pelo nome e porque antes comia apenas arroz. Mas agora, eram “infiéis” que o chamavam pelo nome e lhe perguntavam o que preferia comer. Ao ponto de se perguntar: «Estas pessoas poderão alguma vez ir para o inferno?». Tudo isto aconteceu graças a um prato de sopa! Um gesto simples de humanidade fez-lhe mudar a imagem que tinha dos ocidentais.

Um outro exemplo: um rapaz muçulmano que frequenta um centro de apoio escolar, contava a um dos voluntários que antes tinha sempre uma barra de ferro na mochila e que, portanto, podia ser uma potencial pessoa violenta, mas que depois da experiência de apoio no estudo tudo mudou. Imagine que aquele jovem é agora o diretor do centro! Creio que esta é a estrada para um verdadeiro diálogo inter-religioso: um encontro.

Lembro-me sempre de como conhecemos o professor Wael Farouq: um jovem de Comunhão e Libertação tinha ido estudar para o Cairo, onde conheceu um professor egípcio, Wael; um cristão ocidental esbarra com um muçulmano oriental, cada um tem os seus preconceitos sobre o outro. Mas o que é que acontece? Uma coisa que nenhum dos dois tinha previsto. Tornam-se amigos, começam a conhecer-se; tem início um diálogo que chegou até ao Meeting do Cairo de há alguns anos, sobre o tema da beleza. Este é o diálogo inter-religioso, ou seja, um espaço de testemunho recíproco, capaz de abraçar quem é diferente de si com gestos de humanidade que mudam o coração.

Conseguirá a nova geração de imigrantes na Europa encontrar uma solução justa para o conflito de civilizações, para que se transforme num diálogo verdadeiro?

Também neste caso, temos de olhar para a realidade. Uma das exposições do Meeting foi organizada por um grupo de jovens cristãos e muçulmanos. Devia intitular-se “jovens imigrantes de segunda geração”. Mas a certo ponto, as raparigas e os rapazes muçulmanos disseram aos seus amigos cristãos: «Não nos chamem imigrantes de segunda geração, porque nós somos italianos!». Como é que puderam dizer isto? Graças a um encontro em que o outro já não era entendido como um perigo ou uma ameaça, mas como um amigo do próprio caminho, com as mesmas perguntas e os mesmos desejos de verdade, de beleza, de justiça, de felicidade. Por isso o novo título da exposição, visitada por dezenas de milhares de pessoas, passou a ser: “Os rostos jovens da Itália multiétnica”. Portanto, não se trata de discutir em abstrato, mas de olhar para aquilo que está já a acontecer.

O fundador do movimento considera que a porta de entrada da religião são a razão e a realidade. Como é que isso é possível, se o objeto da religião é aquilo que está para lá da realidade e os seus princípios não podem ser testados com experiências?

Não podem ser testados com experiências, mas podem – e devem, porque caso contrário não seria razoável crer – ser testados na própria experiência. Quando Dom Giussani começou o movimento de Comunhão e Libertação em Milão, em meados dos anos cinquenta, os jovens católicos conheciam de cor os princípios cristãos, mas estes não tinham nada a ver com as suas vidas, eram inúteis para enfrentar as perguntas que surgiam na escola, na família. Por isso, Dom Giussani abandonou a carreira teológica e foi ensinar numa escola pública, precisamente para mostrar a pertinência da fé às exigências da vida. Não impôs as suas ideias apelando ao facto de ser sacerdote e que, portanto, os alunos deviam aceitar passivamente aquilo que dizia durante a hora de religião católica. No primeiro dia de escola, disse aos jovens que não lhe queria impor as suas ideias: «Não estou aqui para que vocês adotem como vossas as ideias que vos dou, mas para vos ensinar um método verdadeiro para julgarem as coisas que vos direi». E o método era o convite para comparar tudo aquilo que ouviam com as exigências do seu coração, porque só assim poderiam descobrir e verificar se o cristianismo era útil para viver ou era um peso – uma carga de discursos e de regras morais - do qual tinham de se libertar para poderem viver.

Como explica a transformação de jovens nascidos e criados nas sociedades ocidentais em terroristas? Estas sociedades não são em parte responsáveis por isso?

Claro que sim! Muitos terroristas não vêm de fora, são imigrantes de segunda geração, nasceram na Europa, estudaram nas nossas escolas e universidades. Por isso a nossa responsabilidade é grande. O que é que encontram estes filhos de imigrantes que são, para todos os efeitos, italianos, franceses, ingleses? Veem alguma coisa bela que os atrai, alguma coisa que desafia a sua razão e a sua liberdade? Isto é válido também para os nossos filhos: depois de os termos no mundo, o que é que lhes oferecemos? A ânsia de uma vida desafogada ou algo que esteja à altura do pedido de significado que têm? Muitas vezes, os nossos jovens veem o vazio de uma vida sem sentido, que os deixa sós e desesperados. Por isso não me espanta que escolham a violência. Este é um desafio epocal: como responder ao vazio que corrói os jovens a ponto de os fazer desejar a morte em vez da vida? Não bastam os apelos éticos, têm de sentir-se acompanhados para descobrir que podem mudar de vida, como o rapaz do centro de apoio escolar que se tornou no seu responsável. Pertencem à mesma geração daqueles que praticam a violência, mas encontraram alguma coisa que lhes mudou a vida, que os tornou muçulmanos melhores, como declaram alguns deles.

Por isso, falando em Al-Azhar, o Papa Francisco convidou todos, cristãos e muçulmanos, a «educar à abertura respeitosa e ao diálogo sincero com o outro, reconhecendo os seus direitos e as liberdades fundamentais. É preciso acompanhar e fazer amadurecer gerações que respondam à lógica incendiária do mal com o paciente crescimento do bem: jovens que, como árvores bem plantadas, estejam enraizados no terreno da história e, crescendo em direcção ao Alto e ao lado dos outros, transformem cada dia o ar poluído do ódio no oxigénio da fraternidade. Por estas razões, hoje especialmente, a religião não é um problema mas é parte da solução».